

EXAME DE CONSCIÊNCIA

Quando eu era garoto escutei muitas vezes dos amigos de meu pai uma frase de um conhecido escritor paraibano: “Ninguém se perde no caminho de volta”. Do ponto de vista da caminhada do ser humano, embora seja mais fácil fluir por um caminho já percorrido, muitos fatores podem alterar as condições do trecho já conhecido, dificultando a caminhada de volta. Além de modificações no ambiente físico, ocorrem mudanças no ser humano, colocando empecilhos para se palmilhar com clareza o trecho de estrada já percorrido e conhecido.

Nos primeiros anos de vida, quando os sonhos e os arroubos da juventude direcionavam meus passos, eu acreditava no seguinte: após ter percorrido determinado trecho da existência tinha aprendido as lições propiciadas por aquele caminho. Com o passar dos anos eu percebi como meus traumas, medos, angústias e outros fatores perturbadores, acumulados ao longo da vida, me impediam de enxergar com clareza os trechos percorridos. Em outras palavras, me impossibilitavam de enriquecer a existência com as vivências que a vida propicia a todos, indistintamente. Quando as dificuldades eram vencidas, passar por trechos semelhantes era viver momentos repletos de aprendizados não percebidos anteriormente.

A vida é rica em experiências que aprendi a incorporar ao meu patrimônio existencial. Mas nos momentos em que o aprendizado era mais intenso e rico, afligi-me com o desconforto das lições e não consegui ver a riqueza de ensinamentos que estavam sendo oferecidos pela vida. Não estou fazendo aqui a apologia do sofrimento, mas apenas alertando para o fato de que a vida é rica em possibilidades de enriquecimento dos seres humanos, não aproveitadas em virtude das nossas idiosincrasias. Quantas vezes abandonamos experiências enriquecedoras de nosso patrimônio existencial simplesmente porque se nos afiguravam difíceis de enfrentar. Quantas vezes na vida escolhemos o caminho a ser seguido em função dos empecilhos a serem vencidos, enveredando por rotas que se nos mostravam como mais suaves, embora não fossem elas as rotas almejadas. Somente agora vejo como a vida cobra um pedágio alto para todos nós que fugimos das refregas tão necessárias ao nosso crescimento como seres humanos. Quantas vezes lamentamos não ter enfrentado fatos que alteraram nossas vidas porque não tivemos a coragem necessária para resolvê-los. Como seria diferente minha vida se algumas decisões tivessem refletido meus projetos de vida, meus ideais. Deixei as

necessidades ligadas à sobrevivência sufocarem meus sonhos de me dedicar à literatura, eu cedi às pressões para ganhar o pão de cada dia e a outros fatores, permiti a influência deles nas horas decisivas; tudo desculpas esfarrapadas, justificativas para a falta de coragem de seguir um caminho sonhado e desejado, mas árduo e doloroso.

Até a idade de cinco anos vivi uma vida tranqüila, em uma família de classe média abastada. Residia, nessa época, com meus pais, Aprígio e Carmelita, e duas irmãs, Maria Alice e Diana, a primeira mais velha do que eu e a outra mais nova. Nosso avô paterno, José Fernandes, já aposentado, morava no Rio de Janeiro, mas passava longas temporadas conosco na cidade de João Pessoa, pois tinha uma ligação muito forte comigo e com Diana. Em um dos períodos em que ele estava no Rio adoeceu gravemente, fato esse que fez comunicar a meu pai, solicitando sua presença, pois lhe restava pouco tempo de vida. Meu pai embarcou em um avião para a cidade do Rio de Janeiro. No dia em que ele embarcou mamãe estava muito nervosa e pediu-me para dormir com ela. Quando estava adormecido, não sei precisar o horário, escutei o barulho de pancadas fortes na cama. Acordei e liguei a luz do quarto, o que acordou mamãe, a quem relatei o barulho que tinha escutado. Ela olhou a casa toda, mas não encontrou nada, aconselhando-me a dormir, pois provavelmente eu teria sonhado com o ruído.

Voltei a dormir para despertar novamente com o barulho forte de pancadas na porta da frente. Acordei e vi a mamãe olhando para mim, em seguida me levantei e disse para ela: “Estão batendo na porta da frente, vou ver quem é”. Minha mãe gritou: “Eu não escutei nada e você não vai abrir a porta da rua a esta hora da noite, venha já para a cama”. A essa altura eu estava a uns três metros da porta de entrada, cujo vidro permitia ver o terraço. Parei, olhei para lá procurando ver quem batera. Neste momento avistei meu avô com seu costumeiro terno de linho branco, encaminhando-se para a porta de entrada. Dei um grito de alegria e, antes que eu pudesse dirigir-me à porta, ele atravessou-a sem abrir, caminhou em minha direção. É interessante notar que esse fato não me causou estranheza. Pedi-lhe a bênção, beijei sua mão, como era de costume na época, e começamos a conversar. Minha mãe, muito espantada, perguntava com quem eu estava falando. Eu lhe mostrava meu avô, dizia o que ele estava falando. Isso aumentava mais ainda sua angústia. Depois de algum tempo ele informou que teria de ir embora e me mandou voltar para a cama e dormir. Voltei para o leito e adormeci tranqüilamente até o amanhecer do dia, acordando com a nítida impressão de que vovô tinha chegado do Rio. Foi frustrante verificar que ele não estava em casa. Ao conversar com minha mãe, ela confirmou o que tinha acontecido, mas não sabia explicar os fatos que ela presenciara.

Quando meu pai retornou soubemos que o avião tinha quebrado em Salvador, somente chegou ao Rio dois dias depois. Meu avô já estava enterrado, pois falecera no dia em que ele viajara. Algum tempo depois recebemos o telegrama enviado por ele quando estava no Rio, comunicando a morte de vovô. Esse foi meu primeiro

contato com a morte de uma pessoa querida, aceito por mim de maneira simples e natural, sem problemas. Aproximadamente dois anos mais tarde voltei a enfrentar a morte de outro ente querido. É interessante notar que um mesmo fato pode ser a mola propulsora em uma ocasião e noutra ser motivo de queda ou de tropeço, dependendo do modo como é encarado. Um compositor popular já celebrou essa realidade em canção, cujos versos dizem: “O que dá pra rir dá pra chorar / É só questão de hora e de lugar”.

Inúmeros anos transcorreram para que eu entendesse essa realidade, para compreender que o importante não é o fato em si, mas o modo como encaramos o fato. Quanta energia é gasta até se conseguir enxergar o óbvio e como é difícil enxergar o óbvio! Durante anos carreguei um fardo pesado nos ombros por não ter sido capaz de enfrentar essa segunda perda, uma realidade que se me afigurava cruel, mas que no fundo não passava de um fato normal da vida: a perda de um ente querido. O não ter sabido enfrentar essa segunda perda levou-me, mais tarde, a relacionamentos que não atingiram a plenitude, embora tenham sido ricos e prazerosos. Mas vamos ao fato desencadeador desse tipo de comportamento.

Quando eu tinha sete anos de idade Diana adoeceu gravemente de moléstia infecciosa. Ela era a irmã mais nova, companheira de brincadeiras, no período dos fatos aqui relatados ela tinha cinco anos. Nessa época, na cidade de João Pessoa, algumas famílias tinham duas casas, uma na cidade, onde moravam durante dez meses e outra na praia, onde eram passadas as férias escolares do final de ano, após as comemorações natalinas. O deslocamento da cidade para a praia era realizado por uma estrada de barro, esburacada, atravessando o rio Jaguaribe através de uma ponte de madeira. Hoje essa estrada transformou-se na Avenida Epitácio Pessoa e muitas pessoas, ao percorrê-la, não percebem que em determinado trecho estão passando por cima do rio. Como não tínhamos parentes na cidade e com a finalidade de evitar o contágio, eu e Maria Alice, minha irmã mais velha, fomos separados de Diana, passamos a residir temporariamente na casa da praia, na companhia de uma pessoa desconhecida, contratada para cuidar de nós enquanto meus pais lutavam contra a doença de nossa irmã. Não era época de veraneio, a praia estava quase deserta, contando apenas com a movimentação de alguns pescadores. Ficamos isolados da família e dos amigos. Meu pai nos levava diariamente para o colégio e recebíamos duas a três visitas semanais dele, ocasião em que trazia suprimentos e verificava se tínhamos alguma necessidade. Semanalmente minha mãe nos visitava, sempre abatida, lacrimosa, sem manter contato físico conosco, com medo de transmitir a doença, tendo em vista que era ela quem cuidava de Diana. Passaram-se assim as semanas mais longas de minha vida, os dias pareciam intermináveis.

Certa manhã eu estava a brincar, aguardando o horário de ir para o colégio, quando fui surpreendido pela visita de meu pai, em hora não habitual, pois naquele horário ele deveria estar trabalhando na direção de seus negócios. Ele conversou com

minha irmã mais velha, ela ficou muito triste. Papai dirigiu-se a mim, pois eu não me aproximei dele por pressentir a notícia de que ele era o portador. Ele disse que tinha vindo nos buscar para irmos até a casa da cidade com a finalidade de “vermos” Diana, cuja visita até aquela data nos era vedada, e ficou rebuscando palavras para comunicar a morte dela. Eu já tinha pressentido o objetivo da visita, razão pela qual não me aproximei dele por ocasião de sua chegada. Não permiti que continuasse a falar e indaguei se Diana já estava curada e, sem aguardar resposta, disse que iria tomar banho, pois tinha estado a brincar com areia no quintal da casa. O trajeto entre a praia e a cidade foi realizado em silêncio.

Quando chegamos ao destino desci correndo do carro, atravessei a sala desviando-me de um caixão azul que nunca tinha visto ali e entrei no quarto de Diana. Como não a encontrei, passei para o quarto de meus pais, encontrando apenas mamãe em sono profundo. Mais tarde fui informado ter sido um sono provocado por sedativos receitados pelo médico, a fim de propiciar-lhe algum descanso. Meu pai segurou minha mão e conduziu-me suavemente até o caixão que eu já tinha visto na sala. Diana estava deitada naquele caixão azul, coberta de flores brancas, aparecendo apenas seu rosto sereno e belo, como sempre a tinha visto no curto período em que desfrutamos juntos os mais belos anos da infância, apesar de estar bem mais magra. Não chorei, não gritei, não esbocei quaisquer reações para extravasar a dor imensa a invadir-me a alma. Apenas fui capaz de solicitar ao meu pai: leve-me de volta para a casa da praia. Em seguida dirigiu-me ao automóvel, não suportei ficar ali.

Profunda tristeza invadiu minha alma durante anos, sem que eu conseguisse identificar a causa. Décadas foram transcorridas desde os fatos aqui alinhavados e somente agora, depois de terapias individuais, de casal e de grupo, três casamentos fracassados, consigo sondar com relativa clareza o que aconteceu. Como eu não fui capaz de enfrentar a realidade da perda de uma pessoa amada, muito arditamente escamoteei a realidade e encontrei um bode expiatório para ficar em “paz” com minha consciência: culpei meu pai de ter sido cruel ao transmitir-me a notícia. Passei a descrever os fatos relatados anteriormente da seguinte maneira: “Certo dia estava a brincar, aguardando o horário de ir para o colégio, quando fui surpreendido pela visita de meu pai, em dia e horário não habituais, quando ele deveria estar trabalhando. Ele solicitou que eu e minha irmã trocássemos de roupa, pois iríamos visitar Diana. Corri para tomar banho, pois estava sujo de areia. O trajeto entre a praia e a cidade foi realizado com grande alegria, pois eu iria rever minha companheira de traquinagens. Quando chegamos ao destino desci correndo do carro, entrei no quarto de Diana e, como não a encontrei, fui até o quarto de meus pais, onde ela também não estava. Nesse momento meu pai segurou minha mão e conduziu-me até o caixão, mostrou-me friamente o cadáver de Diana. Olhei para o corpo, não disse uma palavra. Solicitei que me levarem de volta para a casa da praia e me dirigi para o carro”.

Essa história, repetida inúmeras vezes nas terapias individuais e de grupo, passou a

ser a “verdade” dos fatos. Entretanto, por mais que a repetisse, não conseguia a paz tão almejada. Existia sempre uma inquietação que se assemelhava a algo como desconforto. Era bem diferente da inquietação ocorrida no processo criativo, quando estou escrevendo uma poesia, por exemplo. Esta inquietação se transforma na produção de algo concreto, aquela produz apenas turbulência na alma. O processo criativo, quando concluído, traz a sensação de um dever cumprido, a calma da paz interior se estabelece em nosso coração, a mente entra em estado de repouso. A inquietação não criativa de que falamos é como uma chama de uma lâmparina que não clareia e cujo óleo jamais se consome, enquanto ficamos ali aguardando que a chama se apague para trocar de sistema de iluminação. Não temos a clareza necessária porque a lâmparina não é adequada para iluminar o ambiente e não trocamos de sistema porque estamos aguardando que a lâmparina se apague. Nessa armadilha criada unicamente por mim, estava praticamente imobilizado. Eu fiquei como um cachorro maluco rodando em círculos, querendo morder o próprio rabo, que tinha sido amputado ao nascer.

Não fui ao enterro de Diana. Retornamos à casa da cidade pouco tempo após sua morte. A casa era a mesma, a mesma vizinhança, nada mudara, exceto a ausência de Diana, o que provocava uma mudança enorme em tudo, afetando até o modo como enxergava o próprio ambiente físico.

Um fato muito interessante aconteceu poucos meses após o falecimento de Diana. Na casa em frente à nossa morava uma garotinha linda, cabelos cor de ouro, pele dourada e um sorriso encantador. Todos os garotos da rua a cercavam, buscando ser seu namorado ou amigo. Um dia recebi um bilhete dela dizendo querer namorar comigo. O bilhete desencadeou em mim sentimentos de medo, indignação, revolta. Fiquei furioso, com o papel na mão atravessei a rua. Ela veio a meu encontro com seu sorriso mais encantador, desfeito à medida que foi percebendo minha indignação. Ao ficar frente a frente com ela rasguei o bilhete, disse uns desaforos e retornei ao que estava fazendo, possesso de raiva contra aquela garota. Agi como se ela fosse uma grande ameaça, embora naquele momento eu não conseguisse identificar que tipo de perigo ela representava. Somente muitos anos mais tarde eu entendi o raciocínio inconsciente feito naquela ocasião. Deve ter sido o seguinte: como ela ousava fazer isso comigo, eu que já tinha sofrido com a perda de um ser a quem amara tanto. Alguns garotos e garotas de nossa rua não entenderam meu comportamento, o que era de se esperar. Eles comentaram o ocorrido e diziam que eu era “bicha” por rejeitar namorar o sonho dourado de toda a garotada da rua. Eu agi sem pensar, impulsionado pelo medo inconsciente da dor de uma nova perda. Quando os amigos indagaram da razão de ter agido daquela maneira eu não sabia o que responder. Até a adolescência não me lembro de ter tido amigos ou amigas mais íntimos, não permiti às pessoas chegarem muito perto do coração. Sempre fui arreado, fechado, mantendo-me inconscientemente a uma distância psicológica das pessoas que conviviam comigo.

Hoje gosto de conviver com as pessoas, de um bom papo, de tomar um bom vinho com os amigos e amigas, mas também aprendi a ficar sozinho. Os fantasmas do passado estão desaparecendo, graças à ajuda que recebi das mulheres que passaram em minha vida amorosa nos últimos anos, com as quais aprendi muito e devo ter sido um verdadeiro tormento para elas, pois nunca estive inteiro nas relações, devido aos fatos aqui relatados. Às mulheres maravilhosas que conviveram mais intimamente comigo quero deixar aqui registrada a minha eterna gratidão. Perdão pelos transtornos causados, pelas dores provocadas, pelo que buscaram em mim e não acharam, pelo que tinha e não lhes dei. Serei eternamente grato a cada uma de vocês por terem suportado as minhas loucuras por algum tempo. Estarei torcendo por vocês, esperando que encontrem alguém ou algo que seja a realização dos seus sonhos dourados.

Marcos Antônio da Cunha Fernandes

João Pessoa - Paraíba

PAGE